

## A VIDA ALHEIA E ALGUMAS IMAGENS DOS BIÓGRAFOS.

Joaquim Humberto Coelho de Oliveira<sup>1</sup>  
José Carlos Sebe Bom Meihy<sup>2</sup>

**Resumo.** A presente reflexão tenta aproximações com as formas pelas quais os autores de biografias são costumeiramente vistos. Como alternativa para a revisão da matéria, três estereótipos são apontados como recurso para se fugir dos pressupostos estabelecidos sobre os biógrafos: Deuses às avessas; incontidos caveiros, e historiadores divididos. Longe do anedotário, a proposta visa provocar reflexões sobre o significado dos biógrafos.

**Palavras-chave:** Biografia; Arte; Imagem.

**Abstract.** This reflection approaches to the way authors of biography used to view by common people and critics. As an alternative to a matter revision, three stereotypes are pointed to running from the assumptions of the established role of biographic authorships: inside out God, uncontainable gravedigger and divided historian. Faraway of elementary jokes, the intention is to provoke reflections on the meaning of biographies..

**Keywords:** Biography; Art; Image

### Introdução

“Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):  
A expressão reta não sonha.  
Não use o traço acostumado.  
A força de um artista vem das suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um  
formato de pássaro.  
Arte não tem pensa:  
O olho vê,  
a lembrança revê,

e a imaginação transvê...  
MANUEL DE BARROS

---

<sup>1</sup>Doutor em Filosofia pela PUC/RJ. Professor do programa de pós-graduação da UNIGRANRIO/RJ. Professor da graduação da UNIGRANRIO/RJ E UNIFESO/RJ.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação “Humanidades, Culturas e Artes”, da UNIGRANRIO/RJ. Professor aposentado do Departamento de História da USP.

Muito se tem escrito sobre as origens e transformações das biografias, sua aceitação no mundo dos leitores, bem como de seu papel no espaço do saber e do entretenimento. O mesmo se diz a respeito do estatuto desses escritos, presentes em diferentes manifestações, percorrendo desde escalas de afirmação social da elite aos de acolhimento popular. A disputa sobre seu enquadramento e lugar no campo do conhecimento ou diversão, contudo, divide críticos que - independente da aceitação ampla e variada desse gênero pelo público - garantem pertencimento, principalmente no palco acadêmico, literário, jornalístico ou histórico. Na mesma senda, alheia aos fundamentos teóricos próprios e caros aos estudiosos do tema, autores especialistas se juntam a autodidatas, assumindo o direito de dizer, explicar e interpretar a vida dos “outros”<sup>3</sup>.

Seria prezável repetir que atualmente boa parte das bibliotecas e livrarias são compostas por obras afeitas às biografias e suas múltiplas variantes. A prática de contar histórias alheias é tão antiga como a própria humanidade, pois, afinal, a mitologia, a Bíblia e tantos outros Livros Sagrados e fundacionais cuidaram de referenciar a existência da criação do mundo e dos criadores a partir de narrativas humanas e/ou “humanizadoras”<sup>4</sup>.

Não seria, pois, errado afirmar que não vivemos sem biografias representadas, escritas, legitimadas ou não<sup>5</sup>. De tal monta a recepção desses escritos cresceu que hoje não mais se referem aos personagens mortos, e, nessa linha, pode-se verificar a atualização do gosto público/leitor que também consome, progressivamente, as chamadas “biografias não autorizadas”<sup>6</sup>.

As explicações da crescente aceitação das biografias se amiúdam pela adesão de vários meios de expressão como: teatro, música, cinema e novelas radiofônicas ou televisivas<sup>7</sup>. Tudo isso alimenta as preferências pelo gênero que, por seu turno, enriquece debates polêmicos e dinâmicos, tais como: feminismo, questões étnicas ou raciais, de causas humanitárias,

<sup>3</sup> Sobre a trajetória das biografias leia-se o texto de Mary del PRIORI **Biografia: quando o indivíduo encontra a história**. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%202001%20artigo%201.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%202001%20artigo%201.pdf)> Acesso em 11 out.2016. Recomenda-se também a leitura do ensaio assinado por Vavy Pacheco BORGES. *Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>4</sup> Bom exemplo é a coleção de biografias de Jesus Cristo, Maomé, Buda e mesmo de pais e mães de santos.

<sup>5</sup> BRUNER, J. **Pourquoi nous racontons-nous des histoires?** Paris: Retz Pocket, 2005, pp. 31-32.

<sup>6</sup> No Brasil, recentemente, este tema ganhou notoriedade com a polêmica protagonizada por *artistas* que apoiaram Roberto Carlos ao reclamar do texto biográfico *Roberto Carlos em detalhes*, assinado por Paulo César Araújo, tirado de circulação por ordem judicial. Em resposta a essa questão Araújo publicou o livro **O Rei e o réu**, São Paulo: Cia das Letras, 2014.

<sup>7</sup> Sobre o impacto das novelas, principalmente na televisão brasileira, leia-se <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/livrariadafolha/ult10082u429745.shtml>

referências aos pilares do desenvolvimento científico ou artístico, ou mesmo às figuras bizarras, estranhas ou amedrontadoras.

Há culturas que se devotam com mais empenho a tais tipos de relatos e, certamente, isto se explica pelo papel da biografia como reveladora de tendências achegadas ao desempenho modelar dos indivíduos em seus espaços e meios culturais<sup>8</sup>. Sabe-se, por exemplo, que nas culturas protestantes – onde o individualismo é mais valorizado – a aceitação das biografias é maior<sup>9</sup>. Nos âmbitos cristãos/católicos, a hagiologia, ou seja, o estudo das vidas dos santos, tem destaque especial, se formulando como uma espécie de subgênero com exemplos, entre tantos outros, que vão principalmente de Santo Agostinho, São Bento a Teresa de Jesus e São João da Cruz<sup>10</sup>.

Com interesse para a “humanidade” e com variadas expressões culturais, vale pensar as histórias biográficas nas suas correspondências com as formações científicas e seus respectivos “modelos de homem”<sup>11</sup>. Assim, é possível conjecturar que a denominação “ilusão biográfica” que segue a tais narrativas é oportuna no conjunto das ciências humanas. No seu postulado de “modelo de homem”, denuncia-se a “ilusão do sujeito” se perceber como autor consciente de sua vida. Releva-se, ao contrário, que o seu curso existencial é de fato decidido por fatores independentes de escolhas e vontades. As leis sociais e culturais, as estruturas linguísticas e do inconsciente, ativas pelos saberes das ciências humanas, em aliança com o homem estrutural, removem da consciência a razão que até então se mostrava no poder de tudo esclarecer, para no seu lugar hospedar sementes de ilusão. Nessa perspectiva, se por um lado as ciências humanas se portam como vozes dos limites da consciência, não deixam de, por outro, inquietar e trazer desconfianças sobre o que pode suceder quando se estima um tipo de homem que ao agir pode se eximir da responsabilidade pelos seus atos. Sob o peso dessas incertezas, se faz propício compreender as escritas biográficas e autobiográficas como reações ao homem estrutural das ciências humanas. Apegadas a modelos coerentes de narrativas para efeitos de “realismos biográficos”, essas escritas são alvejadas como ilusórias por representantes do solo epistemológico que move aqueles saberes.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> FRAENKEL, Peter. *Testimonia Patrum: The Function of the Patristic Argument in the Theology of Philip Melancthon*, Genebra: Droz, 1961, p. 32.

<sup>9</sup> Sobre o significado das biografias para a formulação de um panteão de fundadores do protestantismo leia-se de Kenneth Scott LATOURETTE. *The History of Christianity*, v. 1. Peabody, MA: Prince Press Prince Press Edition, 2005.

<sup>10</sup> Já no século XIX tal tendência foi notada no importante livro de referência intitulado *Lês Petits Bollandistes, Viés des Saints, d’après de Père Giry*, organizado por Paul GUÉRIN, Paris: Bloud et Barral, Libraires-Éditeurs, Paris, 1882, obra com 15 volumes.

<sup>11</sup> WOLFF, Francis. Quatro concepções do humano para as ciências. In: NOVAES, Adauto (org.). **A condição humana**. As aventuras do homem em tempos de mutações. Agir/SESC: São Paulo, 2009.

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. in: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Frente à complexidade do formidável universo das biografias, composto por métodos, avaliações e juízos, há vieses curiosos que sugerem ironias referenciadas aos seus praticantes<sup>13</sup>. Nessa vereda, cabe a investida desafiadora de retrazos de algumas figuras que, por sua vez, se alinham de maneira crítica, promovendo reflexões que vão além da patuscada. Investiu-se assim de alguma valentia, algo apenas pertinente a quem está “de fora” do sisudo círculo crítico ou especializado. Tangendo a linha limítrofe entre o exame científico da matéria e o cabimento de estereótipos, resolveu-se que um caminho seria navegar, com picardia medida, pelas metáforas atentas às representações dos biógrafos.

Evitando o simplismo do hilário predatório, que se esgotaria em si, juntou-se alguma necessária fundamentação historiográfica que lastreia o respeito aos praticantes dos gêneros analíticos dos *eus alheios*. Foi assim que foram apontadas, dentre outras, algumas imagens que permitissem tocar no tema autoral/biográfico de maneira a provocar debates. Por esse atalho - meio canhestro, por certo – abraçou-se a experiência pretendida, iniciando-se pela indicação lúdica de três tipos que, esbarrando na caricatura, se prestam à esta provocação. Parte-se então de axiomas arremedados que permitem perceber o biógrafo como: 1- *deus às avessas*; 2- *incontido coveiro* e 3- *historiador dividido*. Vejamos:

Axioma 1: todo biógrafo, como um **Deus às avessas**, é um ser sujeito a frustrações e algo pretencioso em sua tentativa de recriar a realidade vivencial de seus escolhidos. *Frustrado*, *pretencioso* e *atrevido*, ainda que irresistível para iniciados que buscam se congregar em comunidades fundamentadas nas ditas “vidas reais”<sup>14</sup>. *Frustrado* porque jamais terá o alcance e originalidade na formulação de suas criaturas e assim, em muitos casos, correm o risco de procedimentos *kitsch*, pelo barateamento das vidas reinventadas - individuais ou coletivas. *Pretencioso* por se assumir capaz de dar sentido às experiências alheias, extraídas da complexidade do viver socialmente. Mediante tal impossibilidade imitativa da perfeição divina autêntica, o biógrafo, no máximo retraça alternativas decalcadas de fatos supostos. *Atrevido* porque se julga no direito de se investir na autenticidade da trajetória de outrem e, com arrogância contida, exibir para o *distinto público* leitor – sempre ávido de lógicas explicativas –

<sup>13</sup> Entre outros, Hermonie LEE, mostrou de maneira anedótica dois tipos de figuras de biógrafos: os *autopciadores* e os *retratistas*. No primeiro caso, os biógrafos seriam pesquisadores da *causa mortis* de seus analisados; na segunda alternativa caberia aos autores captar os traços marcantes de seus personagens. Sobre o assunto leia-se **Biography: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2009, pp 1 – 4.

<sup>14</sup> Foi inspiradora para a formulação da *imagem divina* dos biógrafos a leitura de alguns textos de, Pierre Bourdieu em particular, **Esboço de autoanálise**, São Paulo: Cia das Letras, 2005; e o já citado **A ilusão Biográfica**, In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

sua versão feita de *montagens bricoladas*. *Deus frustrado*, também porque não podendo garantir certezas, tenta ressurreições. Mas, paradoxalmente, não seria exatamente aí que se localizaria a beleza do esforço? Assim, é possível admitir: todo bom biógrafo é um sedutor e muitos de nós, na modéstia de nossa condição de humanos leitores, na impossibilidade de entender os mistérios da criação sociológica, nos aprazamos em aceitar o miúdo possível.

Axioma 2: outra tentativa de enquadramento do biógrafo como tipo metafórico seria como **incontido coveiro**. Sim, todo biógrafo – em particular os que se dispõem a escrever sobre os mortos-, é um *desenterrador de cadáveres*. Estes aliás são os mais complicados, pois podem alegar direitos, *desmentir verdades* fundamentadas em fatos, fotos e demais documentos do eu, de preferência desconhecidos, raros ou explorados de maneiras diversas. Na maioria dos casos, diga-se, é para dizer algo até então desconhecido, que se *desenterram cadáveres* vertidos em biografia<sup>15</sup>. São os criadores de perfis e insistentes, pontificadores de possibilidades, anuladores do tempo entre o morto/biografado e o leitor/vivo que recompõem, como anatomistas ou cirurgiões, características marcantes explicadas no *post mortem*. A figura do **incontido coveiro** se presta para metaforizar o primeiro ato de ousadia da perpetuação da memória: não dar descanso eterno ou esquecimento aos famosos, problemáticos, inexplicados, falecidos que não mais podem falar por si. **Coveiros incontidos**, alguns biógrafos funcionam como exumadores de cadáveres significativos, de alguma forma, mas que, assim cumprem a vivacidade do *in memoriam*. E lá vão eles vendo aspectos culturais, econômicos, psicológicos, patológicos ou não – familiares, de seus biografados, compondo um corpo explicativo pretensamente integral.

O crítico de literatura Harold Bloom, ao falar da poesia como traço da busca da imortalidade declarou: “*os poetas estão próximos de necromantes, fazendo esforços para ouvir os mortos cantar*”. Afirmações como esta evocam o apelo dos biógrafos que, na mesma vereda, se autorizam à promoção de trajetórias que “não podem morrer”, pois “os poetas fazem amizade com a morte”<sup>16</sup>. Sob o manto da imortalidade, os biógrafos se justificam. E mais: se investem do direito de desenterrar seus biografados como objeto de estudo ou esclarecimento público. Caberia então aos **coveiros incontidos** ou aos biógrafos, impertinentes ou oportunos, a condição de prestação de um serviço de utilidade pública.

Cabe ainda, na metáfora do **coveiro**, o debate proposto por Roger Chartier ao pronunciar sua aula inaugural no Collège de France em outubro de 2007. Ao anunciar os argumentos contidos no *Ecouter les morts avec les yeux*, o historiador verticaliza o debate sobre autoria.

<sup>15</sup> Hermione Lee trança alguns exemplos de personalidades que temiam serem biografados depois de mortos. Alguns, inclusive, cuidaram de pedir para que não o fizessem e outros destruíram fontes. Sobre o tema leia-se *Metaphors for biography*, in *op. cit.* Pp. 1 – 4.

<sup>16</sup> BLOOM, Harald. **A Angústia da influência**: uma teoria da poesia. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 23.

Dessa forma, abre licença para se pensar no direito a contar toda e qualquer história, inclusive biografias<sup>17</sup>. “Escutar os mortos com os olhos”, seria uma espécie de licença para os biógrafos. Aprofundando o debate encetado por Foucault sobre a “autoria”, Chartier prove a abertura das teses de Philippe Lejeune, sobre o pacto biográfico/autobiográfico. Afinal, as alianças propostas pelo estudioso dos escritos do eu transforma também os leitores em cúmplices dos coveiros<sup>18</sup>.

Axioma 3: além dos anteriores persistem também os **explicadores históricos**. Esses, aliás, são pretenciosos olímpicos, pois arvoram-se nutridos de razões coletivas para inscrever as peculiaridades de “seus” indivíduos no quadro amplíssimo dos fenômenos sociais ou históricos. Sim, convém não deixar de reconhecer que a tensão existente entre biógrafos ligados à crítica literária – e muitos deles ficcionistas – tem como inimigos cordiais os historiadores. Por óbvio não cabe aqui entrar na arena que disputa o subgênero biográfico como filho da História ou da Literatura, mas seria tolice deixar de lado o exame de procedimentos que, por fim, explicam uns e outros<sup>19</sup>. Partamos do suposto que reza haver procedimentos distintos entre uns e outros - entre biografias feitas por historiadores em diferença das procedidas por outros grupos, em especial pelo grupo de estudiosos de literatura. É lógico que se compromete nesta distinção a possibilidade interdisciplinar, pois a implicação do modo de fazer, segundo cada tendência, implica objetos e métodos diferentes. E a partir deste posicionamento, chega-se ao limite que impõe perguntar sobre as diferenças: o que é biografia para o consumidor de ficção e o que é biografia para a comunidade que absorve história?

Mais recentemente, o prestígio das biografias ganhou o gosto dos historiadores, principalmente, depois da terceira geração de seguidores da *Escola dos Annales*. Com força, as biografias tiveram relevo sob a proteção dos acadêmicos franceses que compuseram a chamada *Nova História* - ramo concebido pela terceira etapa dos seguidores dos Annales. Com vigor, na década de 1970, o conceito de documento alçou destaque, abrindo assim caminho para se pensar a biografia como forma potente de se fazer História<sup>20</sup>. Entre algumas biografias feitas sob essa égide, note-se a proeminência no meio universitário, dos textos assinados por Jacques Le Goff,

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger **Ecouter les morts avec les yeux**. Paris: Collège de France/Fayard, 2008.

<sup>18</sup> LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2008.

<sup>19</sup> Sobre a diferença de tratamento metodológico entre procedimentos biográficos feitos à luz da História ou da Crítica Literária, leia-se Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Angela Castro. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>20</sup> TOSH, John. **A busca da história**: Objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

merecendo inclusive condição de gênero específico da produção histórica<sup>21</sup>. O mesmo se diz da biografia de Guilherme, feita por Nora. Aliás, de tal maneira foi evidente essa condição que se criou um outro subgênero chamado de *ego história*, ou seja, o papel reflexivo de historiadores de linhagem em *se dizer*<sup>22</sup>.

Assim, garante-se: a trama proposta por esta reflexão mais se presta à provocação, mas também pretende-se abrir ao esforço de entendimento dos aspectos subjetivos que motivam a escrita e a recepção da biografia nos círculos consumidores de saberes e conhecimento.

Sedimentada na vida, a trama suposta pela coerência biográfica é desfiada pelo sujeito fragmentado e criativo que, enfim, se desprende da certeza testemunhal de sua vida para se recompor pela escrita. Sem mais aceitar a “ilusão biográfica” como recompensa pelas incertezas movidas pelas ciências humanas, as escritas do eu se assumem como modos de contar vidas. Neste sentido, retoma-se o poema de Manuel de Barros para se concluir que, seja **imitando Deus, desenterrando os mortos** ou **sendo pretencioso explicador histórico**, os biógrafos têm seu Olimpo garantido na aceitação ampla. Com o aval de Manuel de Barros, conclui-se que, de toda forma:

**...É preciso transver o mundo. Isto seja: Deus deu a forma. Os artistas desformam. É preciso desformar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades. Fazer cavalo verde, por exemplo. Fazer noiva camponesa voar - como em Chagall. Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a deformar [...]**

#### Referências:

ARAÚJO, Paulo César. **O Rei e o réu**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

BLOOM, Harold. **A Angústia da influência: uma teoria da poesia**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezi, *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Cia das Letras, 2005

<sup>21</sup> Entre outras biografias importantes, destacam-se como expressão da Nova História, as escritas por Jacques Le Goff: LE GOFF, J. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999; LE GOFF, J. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001

<sup>22</sup> Nora, P. (org) **Ensaio de ego-história**. Paris: Gallimard, 1987.

\_\_\_\_\_. *A ilusão Biográfica*, in: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRUNER, J. **Pourquoi nous racontons-nous des histoires?** Paris: Retz Pocket, 2005  
CHARTIER, Roger. **Ecouter les morts avec les yeux**. Paris: Collège de France/Fayard, 2008

FRAENKEL, Peter. *Testimonia Patrum: The Function of the Patristic Argument in the Theology of Philip Melancthon*, Genebra: Droz, 1961

GOMES, Angela Castro. **Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUÉRIN, Paul. **Bloud et Barral**. Paris: Libraires-Éditeurs, 1882, obra com 15 volumes.

LATOURETTE, Kenneth Scott. **The History of Christianity**, v. 1. Peabody, MA: Prince Press Prince Press Edition, 2005

LEE, Hermonie, **Biography: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Jacques LE GOFF, J. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999

\_\_\_\_\_. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

NORA, P (org). **Ensaio de ego-história**. Paris: Gallimard, 1987.

PRIORI, Mary del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*, Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%202001%20artigo%201.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_antteriores/topoi19/topoi%2019%20-%202001%20artigo%201.pdf)>. **Acesso em 10 out. 2016**.

TOSH, John. **A busca da história: Objetivos, métodos e as tendências no estudo da história moderna**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.